

## NOTÍCIAS QUE SE DÁ DA MORTE DO POETA ANTÔNIO GIRÃO BARROSO

José Hélder de Souza

**“Anos faz, desejaria fazer um poema bem sentido/desses que a gente lê e chora de repente”** — assim gostaria eu de escrever ou me expressar ao receber a informação da morte do autor destes versos — Antônio Girão Barroso, e de ter que cumprir o doloroso dever de noticiar, só agora que a soube, esta morte que, mesmo sendo esperada, deixou profundas mágoas n’alma de quem o conheceu e amou, como o outro poeta, o Artur Eduardo Benevides, do qual assim recebi a notícia infausta: **“O nosso Girão viajou para a saúde”**... , mais um de seus versos do que mesmo uma mera frase de sussinto bilhete de anúncio mortuário. Aliás, foram muitos os amigos comuns a mandar de Fortaleza, tão querido que era o Girão, o pesado aviso: o romancista Fran Martins, os poetas Roberto Pontes, Luciano Maia, José Alcides Pinto e o jornalista e seu primo Branchard Girão.

Eu e meus amigos perdemos o mais cordial dos amigos, a literatura do Ceará e do Brasil perdeu um de seus expoentes do modernismo. A **alma cantante e bela** (assim chamava ele as pessoas de quem gostava ou que achava boas e talentosas) do poeta Antônio Girão Barroso foi-se para a sua sepultura onde, no dizer de Christina Rossetti, **não verá as sombras quando a tarde baixar, nem ouvirá à noite o roxinol cantar**, mas seu nome ficou profundamente inscrito na história do modernismo brasileiro. Se ultimamente seu nome não ocupava muito espaço no noticiário literário, até bem pouco dominava na praça da Fortaleza, não só na Praça do Ferreira como em muitas outras praças brasileiras, Brasília também.

Girão está intensamente ligado ao Grupo Clã, a agremiação de intelectuais e artistas que, a partir de 1942, **consolidou**, como diz Sânzio de Azevedo, o modernismo no Ceará. Girão era então um homem em movimento, inventava coisas, além de seus belos poemas e seus artigos jornalísticos. Com Fran Martins e os poetas Aluizio Medeiro (quando este morreu na década de 70, no Rio de Janeiro, choramos juntos, Girão e eu, seu falecimento), Artur Eduardo Benevides, Otacílio Colares, Durval Aires, os prosadores Antônio Martins Filho, Joaquim Alves, Braga Montenegro (crítico literário de nomeada

seus poemas hoje espargos em muitos jornais e revistas do Ceará e deste vasto Brasil. A última vez que tentou fazer isto e publicar o livro por ele intitulado “**Poesias (in) Completas**”, (não encontrou muitos de seus trabalhos publicados na efemeridade dos jornais) o poeta foi ludibriado pelo estelionatário Sérgio Ribeiro Rosa que inventou uma editora de fancária, no Rio, para tomar dinheiro de quem, como Girão, queria ver seus versos reunidos em livro. O volume das “**Poesias (in) Completas**” está para ser recuperado das mãos deste editor de fancária, recuperemo-las. Nascido em 1914, em Araripe, nos Cariris, morreu no dia 11 de dezembro de 1990 e nos dói a certeza fatal de que o poeta Antônio Girão Barroso não mais “**escreverá**” — é ele quem diz na sua obra prima “O Poema” — **sobre a velha mesa esquecida e pobre / Mais um poema perdido na noite**”... ou como está num de seus sonetos, “**o poema translúcido repete / Mágoas no coração, mágoas em mim...** em todos nós chorando agora a sua morte, o poeta devorado por um câncer linfático. E assim rezemos: Girão, na doce paz azul desta crônica com lágrimas queremos te ofertar rosas para tua viagem para a saudade e a eternidade.